

Ideais cavaleirescos em *A ilustre Casa de Ramires*

Profa. Ms. Sayuri Grigório Matsuoka¹ (UFC)

Resumo:

*Este trabalho, amparado em textos de Jacques Le Goff e de Hilário Franco Júnior sobre medievalidade, investiga os diálogos possíveis entre os ideais cavaleirescos e a literatura produzida no século XIX a partir do romance *A ilustre Casa de Ramires*. Observou-se, a partir dessa análise, uma profunda percepção queiroziana das formas de entrelaçamento entre os valores morais dessas duas épocas, manifestada, principalmente, nas estratégias narrativas do romance. Uma delas é a escrita da trajetória da família Mendes Ramires, o que possibilita um passeio de Gonçalo Ramires pela história de sua própria compleição ética. Esse processo é fundamental para o reconhecimento de sua individualidade e, conseqüentemente, da sua distinção em relação aos avós. As reflexões resultantes dessa empresa mostram uma ironia sutil, permeada por traços de lirismo moderno, que denotam uma enorme transformação na postura estética de Eça de Queiroz.*

Palavras-chave: *A ilustre Casa de Ramires*, ideais cavaleirescos, século XIX.

1 Introdução

De sua ampla e clara biblioteca, rodeado por volumes da *História genealógica* e por obras de Walter Scott, Gonçalo Mendes Ramires avista a Torre que testemunhou a história de sua família e que serve agora de inspiração para a escrita de sua novela. É por meio da narrativa de *A torre de D. Ramires* que as aventuras dos avós cavaleiros se aviventarão na imaginação de Gonçalo, personagem de um dos últimos romances criado por Eça de Queiroz, *A ilustre Casa de Ramires*. Aquele projeto, no entanto, traz conseqüências inesperadas: ao deparar-se com os atos bravios dos antepassados, o fidalgo da Torre, como Gonçalo é conhecido, percebe a sua indisposição para heroísmos dessa natureza. Instaura-se então em seu ânimo um sentimento de insatisfação que o guiará por toda narrativa, envolvendo suas impressões acerca dos ideais cavaleirescos que qualificam os feitos dos avós.

Essa relação demonstrará a distância entre a aristocracia portuguesa decadente do século XIX, vivendo sem recursos financeiros e à sombra do passado, e os antigos nobres cujas preocupações giravam em torno da defesa da honra, da Pátria e da religião. Esse confronto revela ainda a profundidade do herói do romance, cuja complexidade psicológica se mostra pela oscilação de caráter: Gonçalo traz em si não só a bravura dos parentes mortos, mas também a fraqueza dos que se vêm diante das dificuldades cotidianas. É a revelação dessa faceta do personagem que nos permite perceber as reflexões sobre os ideais cavaleirescos descritos por Eça na obra.

[...]Mas também ele, entre tantos avós até os Suevos ferozes, descortinaria algum avô carniceiro; e a ocupação dos Ramires, através dos séculos heróicos, consistira realmente em assassinar. De resto o carniceiro e o assassino, ambos mortos, sombras remotas, pertenciam a uma Lenda que se apagava (QUEIROZ, 1997, p. 396, 397).

A franqueza de Gonçalo permite-lhe contestar, em certos momentos, a índole do comportamento dos avós. E isso aproxima, na mesma medida, os heróis medievais da covardia, e o herói moderno da coragem. Temos então o questionamento dos valores morais tradicionalmente atribuídos aos cavaleiros medievais através da evidência da humanidade de Gonçalo. Como entender e aceitar, por exemplo, a ideia de que esses personagens, apresentados na narrativa sob os

signos do heroísmo e da bravura, possam ter cometido atrocidades e ainda assim, manter-se sob a estampa da honradez? É sob a perspectiva dessa indagação que retomamos alguns aspectos históricos relacionados aos ideais cavaleirescos para compreender o entrelaçamento realizado por Eça de Queiroz entre literatura e história.

2 Gonçalo Ramires, um cavaleiro sem ideal

Gonçalo Ramires é o último dos descendentes de uma das famílias mais tradicionais de Portugal, tendo por antepassados fidalgos e cavaleiros que acompanharam de perto o surgimento e o desenvolvimento da nação portuguesa. Entre esses parentes, está o avô Tructesindo, Alferes-mor de Sancho I no século XII. É através da escrita de uma novela sobre os feitos desse parente que Gonçalo fortalecerá o vínculo com a insígnia de sua Casa e rememorará todos os heróis mortos de sua família. Essa lembrança o fará perceber a semelhança, mas, principalmente, a distinção de seu caráter em relação aos desses antepassados. Tais formas representativas remetem aos valores cavaleirescos que Gonçalo tenta despertar em seu comportamento, mas ressaltam também sua incompatibilidade com esses modelos. É o que apreendemos do excerto:

Como sombras levadas num vento transcendente todos os avós formidáveis perpassavam - e arrebatadamente lhe estendiam as suas armas, rijas e provadas armas, todas, através de toda a História, enobrecidas nas arrancadas contra a Moirama, [...] Era, em torno do leito, um heróico reluzir e retinir de ferros. E todos soberbamente gritavam: - "Oh neto, toma as nossas armas e vence a Sorte inimiga! Mas Gonçalo, espalhando os olhos tristes pelas sombras ondeantes, voltou: - "Oh avós, de que me servem as vossas armas - se me falta a vossa alma?..." (QUEIROZ, 1997, p. 412).

Gonçalo não se equipara em hombridade a esses avós medievais, suas atitudes não remetem à bravura ou à valentia flagradas nesses antepassados. Sua constituição moral, dessa forma, não corresponde ao apanhado de regras e de convenções cavaleirescas que, sobretudo, na Idade Média, era formado, segundo Jacques Le Goff (2009), pelo complexo: proeza, generosidade e lealdade. O desvio de Gonçalo desses valores se evidencia a partir de sua predisposição à covardia e à desfaçatez. A constituição moral de Gonçalo parece perder-se continuamente com os relativismos:

Até noite alta Gonçalo, passeando pelo quarto, removeu a amarga certeza de que sempre, através de toda a sua vida [...] não cessara de padecer humilhações. E todas lhe resultavam de intentos muito simples, tão seguros para qualquer homem como o vôo para qualquer ave - só para ele constantemente rematados por dor, vergonha ou perda! (QUEIROZ, 1997, p. 409).

Não são apenas reflexões como essas a denunciar o falimento moral de Gonçalo. Um episódio emblemático ilustra essa disposição. Na Idade Média, a palavra tinha força de um contrato. É o que nos informam os relatos sobre os atos do Cid Campeador e de Fernan Gonzalez que, segundo Teófilo Braga (2005), têm como prerrogativa moral o cumprimento da palavra empenhada. Na tradição herdada por Gonçalo, a palavra dada assume, portanto, um valor inquestionável - não nos esqueçamos que, nos arredores de Santa Irineia, aldeia onde viveram todos os Ramires, ele era conhecido como o mais genuíno e antigo fidalgo de Portugal (QUEIROZ, 1997, p.223), descendente dos Mendes Ramires, avultados pelo heroísmo, pela lealdade e pelos nobres espíritos (QUEIROZ, 1997, p.224) - O fato é que Gonçalo promete arrendar sua torre a um lavrador, o José Casco, e, diante de uma proposta mais lucrativa, volta atrás, aceitando uma segunda oferta. Ao retomar a escrita de sua novela, depara-se com a frase do avô Tructesindo: "De mal com o Reino e com o Rei, mas de bem com a honra e comigo!" (QUEIROZ, 1997, p.266). Diante da obstinação do parente, não esboça arrependimento, mas justificativa para a sua atitude:

- Ah! como ali gritava a alma inteira do velho português, no seu amor religioso da

palavra e da honra! E, com a tira de alçaço entre os dedos, junto da varanda, considerou um momento a Torre [...] Quantas manhãs, às frescas horas da alva, o velho Tructesindo se encostara àquelas ameias, então novas e brancas! Toda a terra em redor, semeada ou bravia, decerto pertencia ao poderoso Rico-homem. E o Pereira, nesse tempo colono ou servo, só abordava a seu Senhor de joelhos e tremendo! Mas não lhe pagava um conto cento e cinquenta mil réis de sonora moeda do Reino. Também, que diabo, o vovô Tructesindo não precisava...(QUEIROZ, 1997, p.266).

A escrita de sua novela fortalece o sentimento de inferioridade moral de Gonçalo em relação aos antepassados. É na reconstituição dos atos de bravura dos avós que ele verá o distanciamento entre esse passado de glória e o seu presente de decadência. De fato, a trama organizada por Eça mostra o declínio da aristocracia rural portuguesa no século XIX. A angústia de Gonçalo, em não se identificar com os parentes mortos, remete também à sua necessidade de manter-se economicamente em uma época em que os meios de sustento de classes como a que pertence já não se davam por títulos nobiliárquicos, como era usual no medievo. Essa realidade, como salienta Berrini (2000), revela formas de enriquecimento indignas da estirpe desses nobres:

O aristocrata português percebia o fosso que separava o seu nome da sua situação social e econômica. Para sobreviver, arrendava ou vendia as terras, pois não aceitava um cotidiano fora da larguesa e luxo a que estava habituado. [...] Gonçalo acena para sua peca e desinteressante vida prisioneira do seu buraco rural. E dela quer escapar a qualquer preço, desde que a saída seja fácil e cômoda, sem esforço maior (BERRINI, 2000, p. 49).

O que podemos perceber, a partir da referência aos ideais de fidalguia rememorados na obra, é o desconsolo do personagem diante de um ideário perdido:

Pela silenciosa vereda, ainda úmida, Gonçalo pensava nos seus avós formidáveis. Como eles ressurgiam, na sua Novela, sólidos e ressoantes! E realmente uma compreensão tão segura daquelas almas Afonsinas mostrava que a sua alma conservava o mesmo quilate e saíra do mesmo rico bloco de ouro. Porque um coração mole, ou degenerado, não saberia narrar corações tão fortes, de eras tão fortes [...] (QUEIROZ, 1997, p. 306).

Essa mudança de perspectiva aproxima-se da distinção entre herói épico e herói moderno feita por George Lukács (2000) em *Teoria do Romance* e fundamenta uma das questões propostas neste artigo que é avaliar o confronto entre os conceitos de moral do século XIX em contraposição aos conceitos de moral do medievo. A constituição de Gonçalo, enquanto personagem, difere em muitos sentidos da constituição dos personagens das novelas de calavaria. O que podemos perceber como justificativa para isso é que, a partir das narrativas românticas, os personagens passam a expor seus conflitos internos de um modo mais determinante, revelando, por vezes, fraquezas e sentimentos que os modos narrativos anteriores não permitiam, sobretudo as narrativas cavaleirescas. Gonçalo parece encaixar-se na segunda categoria de herói mencionada por Lukács. Ele sente efetivamente o peso da tradição e as expectativas causadas pelo seu nome, sua inaptidão para a bravura, no entanto, fazem-no declinar da continuidade dos feitos heróicos dos antepassados. Diante do enfraquecimento das exigências morais e das atitudes heróicas, o deslocamento de Gonçalo é total.

Longe da necessidade do combate e da demonstração da honra, Gonçalo enleia-se pelos anseios materiais, preocupa-se com a manutenção dos seus bens e da sua reputação e, em função disso, opta pela política como meio de subsistência. As concessões morais que faz por causa desses desejos mostram seu distanciamento dos avós ao mesmo tempo que provocam em Gonçalo o sentimento de inadequação ao mundo.

3 Os ideais cavaleirescos e o século XIX

Mas Gonçalo, durante a escrita de sua novela, encontra uma qualidade que o aproxima dos avós: “[...] dentro do espírito e das expressões do seu Século era pois um bom Ramires - um Ramires de nobres energias, não façanhudas, mas intelectuais, como competia numa Idade de intelectual descanso” (QUEIROZ, 1997, p. 306). E é justamente pelo fato de o século XIX não exigir bravura, nem heroísmos contundentes de seus personagens que Gonçalo subverte os valores cavaleirescos, distanciando-se do herói épico e aproximando-se do herói moderno, cuja compleição se dá pela desilusão diante da realidade (LUKÁCS, 2000, p.122).

Gonçalo Ramires observa o mundo pelos olhos da tradição, o confronto dos valores apreendidos dessa postura com os sentimentos do novo mundo lançam o fidalgo num apreensivo embate com o passado. Enquanto escreve a história da sua Casa, uma insígnia mais antiga do que a da própria família real portuguesa, coloca-se diante de uma inevitável indagação: houve um momento de violência nessa família de cavaleiros?

Mas nesta Humanidade nascida toda dum só homem, quem, entre os seus milhares de avós até Adão, não tem algum avô carniceiro? Ele, bom Fidalgo, de uma casa de Reis donde Dinastias irradiavam, certamente, escarafunchando o Passado, toparia com o Ramires carniceiro. E que o carniceiro avultasse logo na primeira geração, num talho ainda afreguesado, ou que apenas se esfumasse, através de espessos séculos, entre os trigésimos avós - lá estava, com a faca, e o cepo, e as postas de carne, e as nódoas de sangue no braço suado!...(QUEIROZ, 1997, p. 370).

O leitor habituado ao modo civilizado de Ramires é então surpreendido pela revelação de seu parentesco com bárbaros. Perdido na reminiscência da memória, Gonçalo procura por um avô carniceiro:

Era já para além dos confins do Império Visigodo, onde reinava com um globo de ouro na mão o seu barbudo avô Recesvinto. [...]. Entre a úmida espessura já cruzara vagos Ramires, que carregavam, grunhindo, reses mortas, molhos de lenha. Outros surgiam de tocas fumarentas, arreganhando agudos dentes esverdeados para sorrir ao neto que passava [...]. E à beira da água límosa, entre os canaviais, um homem monstruoso, peludo como uma fera, agachado no lodo, partia a rijos golpes, com um machado de pedra, postas de carne humana. Era um Ramires. [...] ele acenava para Santa Maria de Craquede, para a formosa e perfumada D. Ana, bradando por cima dos Impérios e dos Tempos: - "Achei o meu avô carniceiro!" (QUEIROZ, 1997, p. 370).

Como entender e aceitar, nesse sentido, a ideia de que esses personagens, apresentados na narrativa sob os signos da bravura, possam ter cometido tais atrocidades e ainda assim, manter-se sob a estampa da honradez? A leitura que Eça faz da defesa da honra, transforma-a em um mote para demonstrar as contradições nas narrativas heróicas cavaleirescas.

Os sentidos que advêm dessas representações, segundo essa perspectiva, dão-se a partir de relações mediadas por informações adquiridas consciente e inconscientemente. Trata-se, pois, de admitir que formas de percepção de épocas distintas assimilam de modo similar elementos de realidades extintas. A mentalidade, então, constitui-se como uma categoria que se apresenta como uma reminiscência comum a mesma população: Por trás de todas as diferenças e nuances individuais subsiste uma espécie de resíduo psicológico estável, feito de julgamentos, conceitos e crenças aos quais aderem, no fundo, todos os indivíduos de uma mesma sociedade (DUBY, 1993, p.65- 75).

Para Hilário Franco Júnior (2003), mentalidade é a instância mais profunda da percepção, comum a todo o gênero humano, enquanto imaginário é a instância responsável pela decodificação e representação cultural dessa percepção. Seguindo essas prerrogativas, entendemos que tais representações coletivas surgem no texto literário sob a forma de temas, atitudes e da caracterização de personagens que refletem uma visão; podemos perceber isso através de narrativas que retratam

crenças, superstições, formas de agir e pensar. Na ideologia que sobressai nessas obras, o autor retrata paisagem, linguagem e, eventualmente, imaginário¹.

Os valores cavaleirescos em *A ilustre Casa de Ramires* são esses temas que advém da possibilidade de verificar os modos de representação escolhidos pelo autor para efabular impressões sobre moral. E, desse modo, revelar mais um ponto de distanciamento entre o fidalgo e esses avós. Apesar de sua fraqueza de caráter, Gonçalo é incapaz de praticar violência sem que isso lhe traga uma necessidade de compensar a sua vítima. A desonra sofrida pela irmã, Gracinha, agrava seu sentimento de impotência diante dos insultos à sua condição de cavaleiro:

Se ao menos o consolasse a certeza de que reconstituíra, com luminosa verdade, o ser moral desses avós bravios... Mas quê! bem receava que sob desconcertadas armaduras, de pouca exatidão arqueológica, apenas se esfumassem incertas almas de nenhuma realidade histórica! (QUEIROZ, 1997, p. 445).

Delinea-se assim um aspecto controverso dentro do quadro de honra, bravura e religiosidade preconizado nas narrativas cavaleirescas. Ramires, ao questionar a probidade dos antepassados, revela ao leitor um posicionamento diante das reminiscências de um passado não vivenciado. Seu sentimento saudosista em relação ao tempo da cavalaria reproduz em um primeiro instante uma percepção do real retomada de uma memória compartilhada pela via da tradição.

Conclusão

A ilustre Casa de Ramires é para muitos um texto em que a ironia queiroziana atinge a maturidade. Os conflitos enfrentados por Gonçalo Ramires denunciam as formas como o escritor apreende e expressa, no século XIX, as percepções morais dos séculos anteriores. O confronto entre passado e presente serve como cenário para o esquema narrativo que entremeará idealismo e realidade. Os ideais cavaleirescos surgem, nesse contexto, como elementos histórico-culturais transformados pela efabulação de acontecimentos paralelos à apreciação de uma ordem maior.

A família Ramires, nesse sentido, presenciou e participou da história de Portugal, mas essa participação é minimizada, do ponto de vista histórico oficial. Mas a leitura aqui proposta da obra nos remete à crítica ao conjunto de valores que durante séculos subsidiou princípios morais: o heroísmo medieval caminhou lado a lado com a violência, mas essa verdade parece ter escapado ao modelo cavaleiresco fixado no imaginário do século XIX.

O testemunho de Gonçalo expõe, pela ironia, pela galhofa, pelo sentimentalismo e pela poeticidade, as profundas antinomias advindas das idealizações de sentimentos e de valores como honra, coragem e honestidade. É nesse sentido que a constituição desse herói se aproxima do entendemos, a partir da obra *Teoria do Romance*, como problemático. Ao comparar-se com os avós, o fidalgo da Torre não apenas evidencia suas fraquezas e limitações, mas questiona a bravura desses avós.

Referências Bibliográficas

¹ A acepção de Imaginário com a qual estamos trabalhando aqui é a de Franco Júnior, segundo o qual, imaginário “é um sistema de imagens construtor de identidade coletiva ao aflorar e historicizar sentimentos profundos do substrato psicológico de longuíssima duração” (FRANCO JÚNIOR, 2003, p. 95). Ou seja, a mentalidade, por ser um denominador psicológico comum da espécie humana, não individualiza nem personalidades nem grupos, os imaginários, formas próprias de os homens verem o mundo e a si mesmos, criam e mantêm grupos e despertam a consciência social. Os imaginários, portanto, nascem, vivem e morrem segundo a necessidade de compreensão do mundo de uma dada sociedade e, por isso, não devem ser confundidos com a atividade psíquica pessoal da imaginação que é individual.

- BERRINI, Beatriz. **A ilustre Casa de Ramires: cem anos**. São Paulo: EDUC, 2000.
- BRAGA, Teófilo. **História da literatura Portuguesa: Idade Média**. v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.
- DUBY, George. **A história continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ Ed.UFRJ, 1993.
- FRANCO JR., Hilário. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu: reflexões sobre imaginário e mentalidade. **Signum**, nº 5, 2003. p.73-116.
- LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Trad. Stephania Matousek. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Editora 34. São Paulo: Duas cidades, 2000.
- QUEIROZ, Eça de. A ilustre Casa de Ramires in **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

ⁱ Profa Ms., sayurigmb@gmail.com
Universidade Federal do Ceará (UFC), Depto de Literatura.